



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

SANGUE DE BARATA

Marcos Roberto Inhauser

Era a quarta ou quinta vez que visitava a Guatemala a serviço de uma instituição internacional. Como das outras vezes, ao chegar havia alguém me esperando no aeroporto. Ao entrar em seu carro, ele me alertou que teria que fazer um caminho diferente por causa de manifestações de rua, em protesto. Perguntei qual a causa ao que me informou que haviam elevado o preço dos ônibus municipais e intermunicipais. Pela quantidade de pneus queimando nas ruas, de gente bradando e pelas dificuldades que tivemos para chegar ao local onde ficaria hospedado, achei que tinham aumentado uma enormidade. Qual não foi o meu espanto ao saber que todo protesto era por causa de um aumento equivalente a uns cinco centavos de reais.

Doutra feita, quando vivia no Equador, certa vez o país parou por dois ou três dias porque o governo havia decidido aumentar o preço da gasolina em uns dez centavos.

Estes fatos me vêm à memória quando escuto que os telefones poderão ter um aumento de mais de 40%, que os pedágios subirão quase 30%, que há aumento real de mais de 300% nas tarifas telefônicas, que o governo aumentou mais de 100% nos impostos dos profissionais liberais, que o óleo de soja, o algodão, o trigo e, por conseguinte, o pão, subiram por conta da alta do dólar.

Eles me vêm à memória quando ouço falar dos 30 bilhões de dólares desviados pelo Banestado e que o Senado fez corpo mole para abrir uma CPI; quando ouço que o ACM teve o caso de seu grampo telefônico arquivado no Senado em uma manobra digna de raposas; quando ouço das mordomias carcerárias que fiscais fraudadores e sócios do propinoduto carioca têm no presídio; quando ouço falar que a reforma tributária apresentada pelo governo dos trabalhadores abre as portas para a elevação dos impostos; quando ouço um bandido dizendo que a campanha do Dante de Oliveira foi financiada com dinheiro público via maracutaiais; quando vejo o Maluf insistir, contra todas as provas já apresentadas, que nunca teve nem tem conta no exterior; quando fico sabendo que a prefeita de Campinas não tem como dar aumento para os funcionários, mas tem um inchaço por conta de assessores, muitos deles para conseguir ampliar a sua base de sustentação de governo.

Guatemala e Equador me vêm à mente quando tenho que ficar uma hora, uma hora e meia na fila de um banco, porque este pobre segmento da economia nacional, para reduzir custos, cortou a mão de obra e deteriorou o atendimento ao público; quando vejo o banco assaltando minha conta com tarifas de todos os tipos e espécies, mas não assumindo seus erros quando os comete; quando vejo a fila do INSS toda a manhã; quando vejo a fila de pessoas esperando ser atendida pela Caixa Econômica, porque ela tem a exclusividade do atendimento para FGTS; quando ouço de policiais que matam, traficam, extorquem, torturam, roubam, formam quadrilhas, sequestram.

Diante de tudo isto e não haver uma comoção nacional, um movimento de cidadania para dizer basta, me faz concluir que temos sangue de barata. Só vibramos com a seleção e quando esta se desclassifica achamos uma vergonha nacional. Vergonha é ter 60 mil pessoas na fila para arrumar um emprego de varredor de rua, vergonha é ser o campeão mundial da desigualdade social. Não se mover por causa desta vergonha é ter mesmo o atestado de ter sangue de barata.